

OBSERVATÓRIO ECLESIAL BRASIL

TODOS SOMOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

Papa Francisco e o laicato



Apresentação

Para contribuir com o Ano do Laicato no Brasil, o *Observatório Eclesial Brasil* nos apresenta um rico material para a reflexão sobre diversos aspectos da missão e da atuação dos leigos. A maior parte dos textos foi escrita por leigos e leigas, olhando para o mundo, para a Igreja e para a sua missão.

Francisco, com sua voz profética, tem insistido numa Igreja em saída, em busca das periferias. Sua palavra e suas ações nos falam de uma Igreja pobre, para os pobres, aberta ao mundo e a quem quer viver os valores do Reino.

Os autores dos textos tinham diante de si esse convite feito por Francisco para que a Igreja saia de si mesma em busca de quem está fora, excluído. Como ele mesmo diz: “A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém” (EG 23).

Não podemos ficar acomodados. A mensagem maravilhosa de esperança que o nosso papa nos apresenta traz ânimo, encorajamento, mas também nos convoca a sair pelos caminhos do mundo anunciando o Reino e indo ao encontro dos pobres e dos que sofrem toda forma de exclusão.

Toda a Igreja é responsável pela sua missão. Todos os batizados e batizadas, sem exceção, são chamados a viver essa missão no compromisso ao Reino de Deus, que é de justiça e fraternidade.

A mensagem de Francisco traz um novo impulso para os leigos e leigas que querem viver coerentemente o seu compromisso com o Evangelho e com a Igreja. Nós precisamos aprender deles como viver o Evangelho. Eles têm muito a nos ensinar sobre como viver

a mensagem de Jesus no mundo. Como diz o próprio Francisco: “Olhar continuamente para o povo de Deus salva-nos de certos nominalismos declarativos (*slogans*) que são frases bonitas, mas não conseguem apoiar a vida das nossas comunidades”. Por isso, antes de ditar regras para os leigos, a Igreja precisa ouvir deles o que têm a dizer sobre suas lutas, seus sonhos e suas esperanças.

A sabedoria do Evangelho tem que nos comprometer com uma Igreja que vive na comunhão do Espírito de Deus, a partir da participação decisiva de todos os batizados.

Este livro, composto de textos breves, mas bastante preciosos, é um convite para refletirmos sobre a missão dos leigos e leigas no mundo e na Igreja, mas também é um convite para construirmos uma Igreja mais participativa e menos clerical para todas as pessoas. Uma Igreja onde os leigos e as leigas sejam reconhecidos em seu valor, em seu olhar, em suas demandas e em suas expectativas.

Francisco nos lembra de que a “Igreja em saída” é a comunidade dos discípulos e discípulas que tomam a iniciativa, que avançam, que se envolvem, que frutificam e que festejam a antecipação do Reino de Deus. É hora de discernirmos os sinais de Deus na história e darmos testemunho dos valores do Reino neste tempo de tantos desafios.

Dom Angélico Sândalo Bernardino

Bispo emérito de Blumenau

Introdução

O ano de 2018 foi proclamado pela CNBB como ano do laicato na Igreja do Brasil. As razões dessa opção eclesial devem ser várias. Mas, por certo, a mais fundamental delas é a afirmação eclesiológica: *o leigo é Igreja*. Nos termos propostos pelo Documento 105, isso significa dizer que o leigo é *sujeito eclesial*. Nos termos afirmados pelo Papa Francisco, o leigo é o sujeito *eclesial primordial*. Ensina de novo o papa que todos somos Igreja antes de tudo como cristãos leigos e não como cristãos ordenados. Essa afirmação eclesiológica inverte a velha eclesio-logia que entende a Igreja como sinônimo de hierarquia; vem de longa data e tem seu epicentro fecundo no Concílio Vaticano II.

É curioso que algo tão simples e tão fundamental para a fé cristã tenha de ser repetido ainda hoje. Nesse sentido, o ano do laicato não deixa de ser uma chamada para algo que deva ser lembrado pelo fato de andar meio esquecido. Não deveria ser necessário falar em “ano do laicato”, uma vez que a condição leiga define a própria Igreja em sua constituição mais fundamental, como conjunto dos batizados. Portanto, uma Igreja que esquece os leigos não somente se clericaliza, mas esquece de si mesma. Não por acaso, o clericalismo tem sido definido pelo papa como “praga da Igreja”. Onde se vive e se acredita que a Igreja é a hierarquia feita de membros ordenados, distinta, acima e superior aos demais membros, peca-se contra o Batismo que nos faz todos membros do mesmo Corpo do Cristo vivo na história; mutila-se esse Corpo em nome de uma visão e de uma prática religiosas que separam, em última instância, os que são sagrados dos que são profanos, os sujeitos investidos de poder dos receptores passivos dos bens sagrados.

O Papa Francisco vem resgatando a teologia do laicato oferecida pela eclesiologia conciliar. Suas palavras são claras e diretas. O povo de Deus constitui a Igreja. Todas as formas de vida eclesial não somente se enraízam nessa condição básica, mas estão a serviço dela. Existimos eclesialmente como povo de Deus e a ele nos remetemos como servidores. Em outros termos, sem o povo de Deus, nenhum ministério ordenado tem sentido; eles não existem por si e para si mesmos.

Essa eclesiologia conciliar, ensinamento da Igreja há mais de cinquenta anos, ainda soa para muitos como incômoda ou, então, como uma novidade. Uma prática eclesial cada vez mais clericalizada foi se tornando costume nas últimas décadas, amparada não somente pela estrutura institucional da Igreja, como também por uma prática religiosa mágica. Essa prática centra no especialista religioso a origem dos bens salvíficos oferecidos ritualmente por meio de cultos espetaculares e, também, no indivíduo que os procura como bem-estar material e espiritual. Mas o clericalismo vai tornando-se uma mentalidade e uma prática que se reproduzem não somente por meio de muitos cristãos ordenados, mas também através de cristãos leigos que se comportam como se fossem investidos de um poder sagrado superior aos demais irmãos da comunidade.

A afirmação da centralidade do leigo e da leiga na Igreja esbarra, portanto, nesse aspecto estrutural e cultural do clericalismo que termina reduzindo o clero a uma classe de burocratas e feiticeros eficientes na administração da empresa sagrada. Por essa razão, se a condição de leigo é, antes de tudo, um dom que vem do Batismo, é também uma tarefa de construção dentro da comunidade eclesial, construção que envolve todas as dimensões da vida pastoral da Igreja e todos os sujeitos eclesiais. Afirmar o protagonismo das leigas e dos leigos na Igreja não significa de modo algum negar o papel dos

cristãos ordenados, mas, ao contrário, orientar a sua origem e a sua função para o conjunto do povo de Deus. Todas as formas de ministérios – ordenados ou não – têm sua razão de ser no serviço ao povo de Deus, e o que escapa dessa verdade é secundário, desnecessário e, em muitos casos, perverso.

As reflexões que compõem este pequeno livro pretendem oferecer contribuições para o ano do laicato. Elas foram elaboradas por membros do *Observatório eclesial Brasil*, iniciativa que visa promover a recepção dos ensinamentos do Papa Francisco em nosso contexto eclesial e social. Cada autor oferece chaves de leitura do pensamento do Papa Francisco sobre temas atinentes ao laicato, a partir dos lugares social, profissional e eclesial que ocupam. As reflexões compõem um baú de coisas velhas e de coisas novas; mais precisamente, de coisas novas que se tornaram velhas, ou de coisas velhas que ainda são novas: os cristãos são sal da terra e luz do mundo! A Igreja é o povo de Deus que caminha na história! A Igreja é o sacramento de salvação no mundo! O Reino de Deus é o horizonte que orienta a ação dos cristãos na história! A Igreja é uma comunidade de seguidores de Jesus Cristo e se encarna nas realidades concretas! Os pobres são a presença sacramental de Jesus Cristo no mundo!

Essas profissões de fé exigem conversão eclesial para que sejam, de fato, vivenciadas nas comunidades eclesiais. Sem a conversão permanente de todos os membros da Igreja, tudo pode reduzir-se a funções burocráticas, como em uma empresa qualquer, ou tornar-se uma relação de soluções mágicas para o mal-estar individual pela via de uma espiritualidade consumista. A chamada do papa para que a Igreja saia de si mesma a partir do coração do Evangelho e na direção do outro, sobretudo dos pobres, apresenta o caminho de sua reforma permanente. A perspectiva de Francisco afirma que a vitalidade da Igreja brota de sua fidelidade ao Cristo encarnado, onde reside a síntese misteriosa entre a salvação de Deus e a história humana, o

Cristo que sofre e os pobres sofredores, o povo de Deus e os muitos povos, a graça e a cultura.

Na esperança de que o Evangelho *faz novas todas as coisas*, caminhemos na reforma inadiável da Igreja como sujeitos eclesiais.

Observatório Eclesial Brasil

I

O povo de Deus na eclesiologia de Francisco

Fernando Altemeyer Junior

O cancionero popular guarda a melodia “Peixe vivo”: “Como pode o peixe vivo viver fora da água fria. Como poderei viver, sem a tua companhia”. De maneira singela, essa melodia diz tudo o que o Papa Francisco quer propor e viver em sua ação como grande reformador da confissão católica. Na metáfora do peixe reconhecemos Cristo, os cristãos e a própria Igreja. Na água em que mergulhamos, reconhecemos o Espírito de Deus, o Reino que nos convoca e a esperança de viver os sonhos de Deus na vocação cristã de evangelizar e testemunhar o povo de Deus congregado.

Desde muito cedo em sua vida pessoal, o argentino Jorge Mário Bergoglio, hoje Papa Francisco, aprendeu a sentir parte de seu povo e a amar sua gente e sua cultura. *Sentire cum Ecclesia* encarnada em um povo concreto, com música, comida, terra, idioma e modo de viver e pensar. Descobriu desde pequenino, em Buenos Aires, que, fora da salvação, não há Igreja. E coerentemente se pode dizer que, sem um mergulho profundo nas entranhas de um povo, não é possível propor a universalidade da Páscoa do Cristo. Assim, mergulhados no paradoxo entre o universal (católico) e o particular (santa e pecadora), poder-se-á sentir o Espírito de Deus como singelo sopro de Amor.

Certamente, o jovem Bergoglio, ao fazer o voto como jesuíta, deve ter lido e assumido como sua a esperança do Livro dos

Números 11,29: “Que bom seria se todo o povo de Deus fosse constituído de profetas, e que Javé depositasse seu Espírito sobre eles”. Crer que todo o povo anuncia e pode ser profeta é algo humanamente difícil e historicamente temerário. Há profetas, e muito raros. Há profecia, e singularmente peculiar em tempos difíceis. Acreditar que o povo possa profetizar é algo que só pode vir do alto, por quebrar o pessimismo comum das elites e do iluminismo triunfante. Francisco escreve a Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, e nela a palavra povo é usada 164 vezes. Destaque para o título do parágrafo 111: “Todo o povo de Deus anuncia o Evangelho”. Lemos que “trata-se certamente de um mistério que mergulha as raízes na Trindade, mas tem a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional”. Esse mergulho, ou melhor, essa revelação do rosto de Deus em seu povo escolhido manifesta sua misericórdia e predileção. A *Torah* hebraica denomina *Am há'aretz* (em hebraico: ארצה עמ), cujo significado é o povo da terra, compreendido como um povo simples, camponês e fiel aos mandamentos de Deus. Os gregos exprimem essa realidade complexa como tomar parte do *του λαού του Θεού*, que enfatiza a convocação de Deus para ser congregado e unido ao povo. A casa e clã dos hebreus adquire sua consistência política como expressão de envolvimento na carne sofredora de Cristo. Assim exprime o papa: “Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo” (EG 24). Esse processo de encarnação se faz na observância de uma profunda mística. O primeiro momento é o de experimentar o prazer de ser povo.

O prazer espiritual de ser povo

O Papa Francisco insiste que a Palavra nos convida a um autorreconhecimento: somos povo! O que não éramos, agora somos, por Cristo e em Cristo. E todo evangelizador deve “desenvolver esse prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isso se torna fonte de uma alegria superior” (EG 268). Essa alegria é superior, pois é simultaneamente paixão por Cristo e paixão por seu povo. A anterioridade teológica de Deus emerge na anterioridade histórica junto ao povo de Deus. Não há contradição ou conflito. Diante do Cristo crucificado, vemos sua dor e sintonizamos com o seu olhar de amor pela humanidade e pelos sofredores. Diz Francisco: “descobrimos novamente que Jesus quer servir-se de nós para chegar cada vez mais perto do seu povo amado” (EG 268). Não há identidade cristã sem essa pertença ao povo, sem esse unir-se profundamente com o mundo dos pobres.

Nosso modelo é o próprio Jesus, que fez de sua opção uma introdução no coração de seu povo. Suas atitudes o demonstram: olhar fixo em quem ama, disponibilidade aos enfermos, participação nas refeições dos pobres e impuros, encontro, amor, toque, cuidado, entrega, ausculta dos dramas humanos em seus segredos mais íntimos. Seguindo Jesus, não o fazemos “por obrigação, nem como um peso que nos desgasta, mas como uma opção pessoal que nos enche de alegria e nos dá uma identidade” (EG 269).

Para o Papa Francisco, um cristão verdadeiro não pode manter distância das chagas de Cristo. Mergulhar na vida do povo exige “que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros”. A Igreja não pode esconder-se ou fechar-se em templos ou guetos religiosos. Não deve alienar-se da vida pública. Deve rebelar contra a privatização da fé e das expressões de sua

ação evangelizadora. Francisco até brinca dizendo que, ao aceitarmos entrar em contato com a vida concreta, conhecemos a força da ternura, bem como “a vida complica-se sempre maravilhosamente e vivemos a intensa experiência de ser povo, a experiência de pertencer a um povo” (EG 270).

Sem apontar o dedo como moralistas soberanos, e, tampouco, mundanizar-se com a voz comum das ideologias e das massas, mas, com “mansidão e respeito”, vencer o mal com o bem, sem cansar e sem arrogância. Diz Francisco que precisamos ser fiéis ao Evangelho em sua essência ao “acender o fogo no coração do mundo” (EG 271).

Esse fogo se alimenta do oxigênio do amor ao outro na vida missionária. É dando que se recebe (At 20,35). Essa missão que nos preenche e impede o lento suicídio dos que criam muros e fronteiras só pode florir se assumirmos que

a missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar de meu ser, se não quero me destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo (EG 273).

Para o papa é esse ser uma missão que revela a enfermeira autêntica, o professor autêntico, o político autêntico, o missionário autêntico. Ao deixar de ser povo e privatizar a missão, faz tudo se tornar cinzento e sem sentido. O mundo ganha cor e plenitude quando “derrubamos os muros e o coração se enche de rostos e de nomes” (EG 274).

Deus se revela ao povo

A presença ativa de Deus como quem se alegra em consolar (EG 4), em cuidar e emergir no meio do povo de forma suave e

surpreendente (EG 31), e que, por pura graça, nos dá a salvação. E a salvação não é mesquinha nem propriedade de alguns. Ela é obra da graça que se oferece abundante para todos. Diz Francisco: “Deus realiza e a Igreja jubilosamente anuncia a salvação para todos” (EG 113). Ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado ou por suas forças. Quem nos atrai é o amor imenso de Deus. A Igreja não é um grupo exclusivo ou excludente. É Igreja sem fronteiras, plena de portas e janelas abertas. A Igreja não é um grupo de elite ou de iluminados. O Papa Francisco faz um apelo aos afastados de Deus ou da Igreja: “o Senhor também te chama para seres parte do seu povo, e fá-lo com grande respeito e amor” (EG 113).

Esse pacto ou aliança de Deus Pai nos quer unidos e articulados como filhos e irmãos que se cuidam e se guardam no caminho da vida. “Ser Igreja significa ser povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai” (EG 114). Isso implica fermentar, fecundar, agir no meio da humanidade, acolhendo, defendendo, amando, perdendo e animando para que todos participem da vida boa do Evangelho.

Efetivamente, todos sabemos que esse povo é multifacetado e diverso (EG 115). Há culturas próprias, estilos de vida autônomos, pois a graça supõe a cultura e o idioma em que se exprime a vida e a identidade pessoal (EG 115). O papa diz que: “quando uma comunidade acolhe o anúncio da salvação, o Espírito Santo fecunda a cultura com a força transformadora do Evangelho” (EG 116). Assim, há continuamente a fecundação da vida de Deus na história no Evangelho e pelo Evangelho (EG 139).

Atitudes concretas dos pregadores cristãos

Para nosso atual papa, a fé cristã é sempre ativa ao evitar idealismos e teorias alienadas da vida e da experiência concreta. Essa